



Os crimes aconteceram na aldeia de Barra do Sumaré, em Itacarambi

RESERVA XACRIABÁ

Uma história de lutas e mortes

ITACARAMBI (Enviado especial — Neuber Soares) — O lavrador Jaime Dias de Souza (19 anos, solteiro, Aldeia de Barra do Sumaré, Reserva Indígena Xacriabá, Itacarambi-MG), depois de tentar, sem sucesso, acertar um tiro de garrucha em Ezequiel Nunes de Macedo (46 anos, casado, lavrador), procurou recarregar rapidamente sua arma e acabou deixando cair uma das balas. Ao abaixar-se para pegá-la, foi atingido na nuca por um certo tiro de espingarda polveira e caiu morto ali mesmo, na trilha que o levaria de volta à casa, em companhia do pai, Dalvino Dias de Souza (aproximadamente 50 anos).

Ao ouvir o primeiro disparo, Valeriano Nunes Macedo (48 anos), morador das proxi-

midades, correu e tentou apaziguar os ânimos e foi morto com dois tiros no rosto, disparados pelo revólver calibre 32 que Dalvino portava. Valeriano também teve morte instantânea. Em seguida, mais por vingança que temendo alguma reação de Ezequiel, Dalvino descarregou a arma em sua direção e o acertou com as quatro balas que lhe restavam no abdome, peito, ombro e pescoço — fugindo em seguida com sua própria arma e a do filho.

Esta, até agora, é a única versão dos acontecimentos registrados na tarde do último dia 6, Dia de Reis, na Aldeia Barra do Sumaré, Reserva Indígena Xacriabá, controlada pela Funai no município de Itacarambi. O relato dos fatos foi feito por uma das duas únicas testemunhas até agora arroladas pela delegacia local no inquérito instaurado ontem, na Delegacia de Polícia Civil de Itacarambi.

Lambadas de chicote

Em depoimento prestado ao sargento Char-

les Ricardo Batista Pereira, comandante do Destacamento de Polícia Militar de Itacarambi, de acordo com a ocorrência número 055/92, Valdeir Gomes de Araújo (19 anos, casado, lavrador, morador na Aldeia Barra do Sumaré) contou que o motivo de toda a confusão foi o namoro de Jaime com a filha de Ezequiel, cujo nome não foi revelado ainda pela polícia, ao qual se opunha o pai da jovem.

Já bastante bêbados, Jaime arrancou o cigarro da boca de seu ex-sogro com um chicote e deu-lhe lambadas no rosto. Vendo-se inferiorizado, Ezequiel foi até a sua casa, armou-se com sua polveira e ficou de tocaia dentro de um buraco à beira da trilha em que Jaime teria que passar no regresso para casa.

Mas, de acordo com Valdeir, Ezequiel foi visto pelo rapaz, que desceu de seu cavalo e procurou esconder-se atrás de uma árvore, trocando-a em seguida por sua própria

montaria, julgando-se mais seguro. No mesmo instante, ele sacou sua garrucha e disparou contra Ezequiel. Em princípio, Valdeir não esclareceu como ele chegou até o local da tocaia, garantindo entretanto que tudo não passou de bebedeira e de ressentimentos acumulados devido ao namoro proibido.

Valdeir acrescentou ainda que, após o rompimento da jovem com Jaime, este passou a persegui-la, na tentativa de reatar o namoro e encontrou resistência dela. Não satisfeito, toda vez que passava por Ezequiel, o rapaz lhe dirigia gracejos a respeito de seu envolvimento amoroso com a filha dele. Isto, ainda de acordo com Valdeir, acabou provocando a discussão e briga ocorridas no dia da Festa de Reis.

Única testemunha

Além de Valdeir, a única testemunha relacionada no inquérito é o lavrador Arnaldo Nunes de Macedo (34 anos, casado, mora-

dor de Barra do Sumaré). As testemunhas deverão ser intimadas hoje pelo oficial de Justiça, Benjamim Neves de Santana, e a audiência já está marcada para a próxima segunda-feira, às 10 horas da manhã no cartório do escrivão Antônio Siqueira Araújo.

Siqueira desempenha ainda as funções de carcereiro e detetive, porque, oficialmente, a Delegacia de Itacarambi só conta com ele e o delegado Edson Geraldo Paixão. Entretanto, para o pleno funcionamento, o delegado conta com cooperadores cedidos pela Prefeitura local, como o identificador Amaury José de Oliveira.

As dificuldades da polícia de Itacarambi não residem só na escassez de pessoal. As buscas ao acusado Dalvino Dias tiveram que ser suspensas porque a única viatura à disposição, um jipe Toyota, placa OE 0031, da Polícia Civil, ficou danificado devido ao intenso uso nas estradas precárias da zona rural da cidade. Normalmente, o jipe é de uso exclusivo do delegado Edson Paixão.

Cacique morreu durante tiroteio

Há cerca de cinco anos, Itacarambi figurou nas manchetes dos jornais do País pela chamada Chacina dos Xacriabás, ocorrida no dia 12 de fevereiro de 1987. Durante a madrugada, um grupo de colonos, liderados por Francisco Amaro, o "Sinhô Amaro", invadiu a reserva e, após intenso tiroteio, morreram o cacique e um outro índio e um dos agressores, vitimado pelos tiros de seus próprios companheiros. Em setembro de 1988, no primeiro caso julgado pela Justiça Federal em Minas, os principais envolvidos foram condenados a penas severas.

Unidas pela desdita de ter seus maridos presos, cumprindo pena na Casa de Detenção Antônio Dutra Ladeira, por seu envolvimento na Chacina, Ana Maria de Jesus Ladeira (30 anos, comerciante) — casada com Germano Gonçalves da Silva (35 anos), e Joana Pereira de Alkimin (34 anos, comerciante) — mulher de Roberto freire de Alkimin (35 anos) —, são sócias em um estabelecimento comercial, localizado na esquina da rua Bonfim (número 94), com travessa Major Salatiel de Souza, dentro de Itacarambi.

Assim como Ana Maria, Joana diz enfrentar a vida com grande dificuldade, principalmente devido à falta do marido para tocar os negócios — um misto de restaurante, mercearia e bar, registrado como Alkimin e Silva Ltda (Alkimin de Roberto e Silva de Germano). Apesar de tudo, as dificuldades são divididas, pois as mulheres agem como se fossem uma grande família — dois filhos de Ana e seis de Joana. Presos dias após a chacina, Roberto e Germano foram transferidos para o Departamento de Polícia Federal, em Belo Horizonte, e posteriormente transferidos para a Dutra Ladeira, depois de conhecida a sua pena no julgamento realizado no salão do I Tribunal do Júri do Fórum Lafayette: Germano pegou 22 anos e Roberto Alkimin 22 anos e seis meses.

Tanto Joana, Ana Lúcia quanto a mulher de "Sinhô Amaro" viajam juntas a Belo Horizonte, pelo menos três vezes ao ano, para avistar-se com seus respectivos maridos. A direção do presídio permite que elas permaneçam em companhia deles e dos filhos durante aproximadamente 10 dias, ocasião em que, segundo as comerciantes, não tocam no assunto chacina, "para não tornar a carga muito pesada para elas".

Elas garantiram que, após o júri, nunca mais tocaram no assunto, nem eles.

Origem de tudo

Deixando de lado a situação dos maridos, Joana e Ana Maria acusam o professor Fábio Alves dos Santos, membro da Regional Leste do Conselho Indigenista Missionário (Cimi), como o grande provocador de todo o conflito na Reserva Xacriabá, incitando constantemente os indígenas a atacarem os "brancos" e flechas e facas e os expulsarem de suas terras.

O professor chegou a ser indiciado em inquérito, em 1985, na Delegacia de Itacarambi, pelas acusações que lhes faziam os índios. Segundo se constata conversando com comerciantes ou habitantes comuns de Itacarambi, além de Fábio dos Santos, a disputa entre os indígenas e os antigos colonos da Reserva Xacriabá foi criada em parte durante os cadastramentos feitos pelo antigo Inera e pela Funai. Ao primeiro interessavam os "brancos" e, à outra os índios. Quem figurasse em um cadastramento, obviamente, não poderia aparecer no outro.

Enquanto os "verdadeiros herdeiros" da reserva (índios) acabaram por abandonar a reserva e a mendigar a ajuda da prefeitura e da boa vontade da população local. Eles se estabeleceram na periferia em acampamentos construídos apenas com lonas pretas e alguns sarrafos de madeira. Muitas famílias ainda permanecem nessa condição. "Várias crianças morreram à míngua e de desidratação nessa época", explicou Ana Lúcia de Jesus.

Xacriabá

Ninguém na cidade sabe explicar o que significa a palavra Xacriabá e muito menos como surgiu esse nome para a reserva indígena demarcada pela Funai e homologada no início de 1989, dias após o resultado do julgamento dos envolvidos na famosa chacina de 1987. Joana Alkimin e Ana Lúcia da Silva também não conhecem origem do nome, mas contam como poder ter surgido a reserva que hoje tem esse nome.

Segundo elas, há cerca de 17 anos, o prefeito de Itacarambi na época, Vicente de Paula Correa, o "Vicentinho", possuidor de uma fazenda na região, iniciou disputa por uma faixa de

terra no local com outro fazendeiro identificado apenas como "Bida". Como não chegavam a um acordo, Vicentinho, usando de seu cargo, foi a Brasília e conseguiu a demarcação da área, a qual teria denominado de "Terra de Caboclo".

Depois que a Fundação Nacional do Índio entrou em defesa do interesse dos indígenas, a população passou a designá-la como Funai ou Funainha.

Alguém levantou a hipótese de o nome Funainha ter sido uma criação do cacique Rosalino, morto no massacre de 1987, durante duas idas ao escritório regional da Funai, em Governador Valadares. Quanto à naturalidade dos atuais habitantes da reserva, há alguns levantamentos oficiais que apontam serem somente 20% de remanescentes de índios (4ª ou 5ª geração) e a esmagadora maioria de "brancos" que, por conveniência própria e apoiada nas falhas dos levantamentos feitos pela Funai, se apresentam como protegidos do órgão governamental e até se apresentam ornamentados por colares e cocares, portando ainda arcos e flechas, quando vão a Itacarambi. Entretanto, quando retornam a suas aldeias — são 22 ao todo na reserva —, eles vestem "trajes civis".

"Lá, ninguém é índio. Índio mesmo não. Dizem que são descendentes. Meus avós, meus pais, meu marido e os avós dele, são todos de lá. Se isso é ser índio, então todos nós somos", explicou Joana Alkimin, deixando transparecer toda a confusão provocada pela questão e os limites entre uma coisa e outra, ser branco ou índio.

Vidoca

Os dois irmãos Vidoca, Sebastião e Cláudio-miro de Oliveira, também envolvidos na Chacina dos Xacriabás, já cumpriram sua pena e retornaram a suas atividades normais. Enquanto Cláudio-miro voltou para Itacarambi e hoje trabalha na Cauê. Quanto a Sebastião, após breve passagem para rever os parentes, transferiu-se para São Paulo, onde trabalha e corresponde de tempos em tempos com os familiares.

Festa de Reis

A festa que acabou projetando o nome de Itacarambi é muito tradicional na região. Ela começa efetivamente no dia 24, véspera de Natal, e alcança seu clímax no Dia de Reis, 6 de janeiro. No início, os participantes, acompanhados de sanfona, pandeiros, chocalhos, violas e outros instrumentos artesanais, desfilam por todas as aldeias, de casa em casa, tocando, bebendo e recolhendo "esmolos" e "prendas" — que pode ser um bezerro, uma galinha, um porco ou qualquer outro donativo, mas a oferta é de "tradição".

Como a farrá é contínua, os grupos vão sendo trocados para o descanso necessário, até o Dia de Reis, quando todos se reúnem para a grande festa. O dinheiro arrecadado é gasto na compra de cachaça — apesar da proibição da Funai —, e as prendas preparadas para um grande jantar ao qual todos são convidados. De acordo com o escrivão Siqueira, muita confusão acontece nessa ocasião, principalmente se não há policiamento, o que quase sempre ocorre, por falta de material humano e condições materiais.



O marido de Ana Maria (foto) cumpre pena na Casa de Detenção Dutra Ladeira